

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
NO 20º ANIVERSÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DE TIMOR  
TIMOR NO ARQUIVO DOCUMENTAL DA CINEMATECA  
26 de Maio de 2022**

**RESSURGIMENTO DA AGRICULTURA EM TIMOR / 1950**

Planificação e Comentário: Rogélio Oliveira e Silva / Fotografia e Montagem: Toby Berwald / Som: Bob Salzman /

Produção: Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho / Produtor: J.B. van der Kolk / Cópia: 35mm, preto e branco, falada em português / Duração: 20 minutos.

**A VIAGEM DE SUA EXCELÊNCIA O MINISTRO DO ULTRAMAR AO ORIENTE 2 –  
TIMOR / 1953**

Realização: Ricardo Malheiro / Comentário: José de Freitas / Fotografia: João Macedo / Montagem: João Mendes / Som: Henrique Dominguez / Locução: Augusto Fraga.

Produção: Ministério do Ultramar – Agência Geral do Ultramar / Produtor: Ricardo Malheiro / Cópia: 35mm, preto e branco, falada em português / Duração: 19 minutos

**TIMOR PORTUGUÊS / 1960**

Realização e Montagem: Miguel Spiguel / Comentário: Cunha Ferreira / Fotografia: Aquilino Mendes / Música: Pedro Lobo e Shegundo Galarza / Som: Augusto Lopes / Locução: Fernando Pessa.

Produção: Miguel Spiguel / Cópia: beta digital, colorida, falada em português / Duração: 13 minutos

**TIMOR – PRESENÇA PORTUGUESA NA OCEÂNIA / 1964**

Realização e Comentário: Ribeiro Soares / Fotografia: Serras Fernandes / Som: Palmeiro Rocha

Produção: RTP / Cópia: 16mm, preto e branco, falada em português / Duração: 28 minutos

**TIMOR – APONTAMENTOS TURÍSTICOS / 1971**

Realização e Montagem: Miguel Spiguel / Fotografia: Aquilino Mendes / Locução: Rui Romano

Produção: Miguel Spiguel / Cópia: 16mm, colorida, falada em português / Duração: 10 minutos

\*\*\*

Sessão apresentada por Maria do Carmo Piçarra

\*\*\*

Uma breve resenha da presença de Timor no cinema português de cariz institucional ou publicitário, através de cinco filmes realizados entre 1950 e 1971. Mas por onde, curiosamente, parece que o tempo não passa, tal a forma como a retórica (a visual, inclusive) e as preocupações se repetem, e mesmo se nos 21 anos que medeiam o primeiro e o último filme – quando a porção africana do “império” português estava já a ferro e fogo – muita coisa tenha acontecido. O “estilo” não é só o homem, o “estilo” também é a identidade de um regime político, e aqui o “estilo” não engana.

Com o comentário “off” desligado – sabendo-se bem como o “estilo” também definia o tipo de comentário neste género de filmes – o conjunto pode passar por um documento interessante da geografia e da arquitectura de Timor nestas décadas que, ninguém parece sequer imaginá-lo em nenhum destes filmes, eram as últimas em que o território constituía *de facto* uma possessão portuguesa. Mas a retórica é, por norma, insuportável, sufocando completamente as imagens ao atribuir-lhes um sentido de orgulho “heróico” e “patriótico”, e incapaz de mostrar uma simples paisagem sem daí extrapolar para uma qualquer demonstração da “glória” portuguesa. Idem para o profundo racismo que genericamente os filmes revelam quando se referem aos “timorenses portugueses” ou aos “portugueses timorenses”, naquele género de elogio paternalista que faz da “nacionalidade portuguesa” uma espécie de promoção na escala de humanidade daquelas pessoas. Estas características notam-se mais nos filmes de maior pendor institucional, como são sobretudo o segundo – onde Timor é, de facto, paisagem, enobrecida pela visita de Sua Excelência o Ministro do Ultramar – e o quarto. O primeiro de todos, produzido por uma tal Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho, com muitos nomes de sonoridade holandesa no genérico (a vizinha Indonésia, recorde-se, tinha acabado de se tornar independente dos Países Baixos), talvez seja o mais rico e variado, naquilo que mostra, até por se focar no trabalho agrícola e na sua organização (muito café, muita borracha, e muito timorense para fazer o trabalho duro), e no seu “ressurgimento” depois dos anos, na II Guerra, em que Timor esteve ocupado pelos japoneses (que é um assunto que volta nos comentários “off” de outros filmes, porque foi preciso “reconstruir” tudo, e os portugueses, claro, são óptimos a “reconstruir” coisas).

Ainda assim, os dois mais despreziosos serão o terceiro e o quinto, ambos produzidos e realizados por Miguel Spiguel, um produtor e realizador que passou a maior parte da sua carreira a filmar as glórias turísticas de todos os cantos do “império”. São mais despreziosos porque se estão muito mais nas tintas para o parlatório institucional e, no fundo, só querem frisar que Timor é um bom destino de férias (sobretudo, lá está, depois de “reconstruído”, fundindo a “arquitectura portuguesa” e as “tradições locais”), com boa praia e boa montanha, boa meteorologia, boas esplanadas na cidade e o ambiente pacífico que já não existia em praticamente nenhum outro canto do “império”.

Assim era Timor, em 1971. Era dar-lhe mais quatro anos.

Luís Miguel Oliveira  
Luís Miguel Oliveira